

Expresso
Economia

26-09-2015

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 131300

Temática: Economia

Dimensão: 641

Imagem: S/Cor

Página (s): 38



Incentivos e Escolhas

Luís Cabral
lcabral@stern.nyu.edu

O TRIUNFO DA CIDADE

Os economistas prestam relativamente pouca importância à cidade como fenómeno económico. A economia urbana sempre foi uma irmã pobre na família da ciência lúgubre, da economia

A imagem que o cidadão médio tem sobre a vida urbana não é muito positiva: mesmo sem ter lido "A Cidade e as Serras", a imaginação leva-nos para a Londres da Revolução Industrial ou o Rio de Janeiro das favelas.

Para os economistas, pelo contrário, a cidade 'é o máximo'. Há quatro anos, o economista Edward Glaeser escreveu um livro cujo título diz tudo: "O triunfo da cidade: como a nossa maior invenção nos faz mais ricos, espertos, verdes, saudáveis e felizes". Glaeser não é o primeiro a tomar esta posição pouco convencional, mas é um dos que a tornou mais conhecida (para os interessados, recomendo a leitura de Jane Jacobs).

Se pensarmos um pouco, faz todo o sentido. Por exemplo, as pessoas que vivem na cidade consomem menos gasolina, menos electricidade, menos gás, etc., do que as pessoas que vivem no campo; o *carbon footprint* dos cidadãos é consideravelmente inferior. Quanto à saúde, se por um lado é verdade que as taxas de mortalidade nas zonas urbanas foram superiores no passado, hoje em dia o

'pacote' oferecido pela cidade, no que respeita a cuidados de saúde, é claramente superior.

Os benefícios da aglomeração urbana vão muito além da ecologia e da saúde: a produtividade das empresas e das pessoas é muito superior nas cidades. A relação não é óbvia: se por um lado é fácil medir a produtividade média das empresas nas grandes cidades (é muito maior), por outro lado não é fácil rejeitar a hipótese de que se trata simplesmente de uma correlação estatística. No entanto, estudo após estudo a evidência mostra que se trata de uma relação de causalidade: as cidades tornam-nos ricos.

Estas economias de aglomeração são algo que já o economista Alfred Marshall tinha caracterizado no século XIX. Tivesse ele vivido um século depois, certamente escolheria Silicon Valley como exemplo número um. Um dos motivos por que Silicon Valley é um sucesso é a aglomeração de talento: se quero montar uma empresa de software, não há sítio no mundo em que mais facilmente possa encontrar o talento necessário.

Apesar de todos estes benefícios, os economistas prestam relativamente pouca importância à cidade como fenómeno económico. A economia urbana sempre foi uma irmã pobre na família da ciência lúgubre. É pena, pois trata-se de uma área da economia de grande importância para o futuro: em 2015, existem mais de quatro mil cidades com mais de 100 mil habitantes, e o número não para de crescer. Falamos muito dos fluxos migratórios entre países (especialmente nas últimas semanas, por motivos óbvios e tristes); mas por cada milhão de pessoas que se mudam de um país para outro, cerca de 40 milhões (contas de guardanapo) mudam de morada dentro do seu país, e entre estes a grande maioria muda do campo para a cidade.

O estudo económico da cidade tem a maior importância: se uma política correcta pode levar a grandes benefícios, uma política errada pode levar a custos enormes. O economista Paul Romer, que desde há anos se dedica ao problema da urbanização, argumenta que a questão da mobilidade dentro da cidade é de importância fundamental. Uma das principais diferenças entre casos de relativo sucesso (ex., China) e casos de relativo insucesso (ex., Índia) prendem-se justamente com o planeamento (ou falta de planeamento) de um sistema de artérias que se antecipe ao crescimento espacial das cidades e zonas metropolitanas.

Enunciar a palavra 'planeamento' é das formas mais fáceis de assustar um economista. Glaeser, Romer e outros apologistas da causa cidadina estão conscientes do perigo de transformar o planeamento urbano numa versão local do sistema soviético, onde a burocracia abunda e os incentivos escasseiam. No entanto, um mínimo de previsão e planeamento é necessário: no meio está a virtude.

Professor da Universidade de Nova Iorque e da AESE

Paul Romer argumenta que a mobilidade dentro da cidade é de importância fundamental

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia